

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Caroline Abreu Vilas Boas

A Leitura como um prazer que pode ser ensinado

Campinas

2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Caroline Abreu Vilas Boas

A Leitura como um prazer que pode ser ensinado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do título de licenciada de Pedagogia, sob orientação do Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Guedes-Pinto.

Campinas

2020

Ficha Catalográfica

V71L Vilas Boas, Caroline Abreu, 1994-
A leitura como um prazer que pode ser ensinado / Caroline Abreu Vilas Boas. –
Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Ana Lúcia Guedes Pinto.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Leitura. 2. Interesses na leitura. 3. Mediação da leitura. 4. Cotidiano escolar.
5. Aluno. I. Guedes-Pinto, Ana Lúcia, 1969-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Área de concentração: Pedagogia

Titulação: Licenciado

Data de entrega do trabalho definitivo: 08-12-2020

Agradecimentos

A Deus, que é a razão pela qual estou aqui hoje, por todo cuidado, amor, pela força que sempre encontro nEle e por tudo que tenho e sou.

Aos meus pais, Edna e Ori, por todo incentivo que me deram, pelo amor incondicional e por todo carinho que recebo deles, em cada etapa da vida.

Ao meu esposo, André, que sempre me apoiou e que foi suporte fundamental para a realização desse trabalho, com toda paciência e incentivo que necessitei.

À professora Ana Guedes que, com todo carinho e dedicação, trilhou comigo os caminhos de cada linha descrita aqui e que se fez presente como orientadora mesmo em um ano tão atípico.

Às minhas amigas de trabalho e graduação, que me incentivaram e compartilharam comigo suas experiências a fim de agregar a minha escrita e a minha observação em campo.

Aos meus alunos, que há quatro anos fazem com que eu cresça, me empenhe e me apaixone pela profissão que escolhi todos os dias.

Aos professores, coordenadores e funcionários da Faculdade de Educação, que nos auxiliam e tornam nossa jornada mais enriquecida dentro da Universidade.

A todos aqueles que não estão aqui citados diretamente, mas que trouxeram à minha vida momentos e ensinamentos que me fazem quem sou hoje.

A todos vocês, meu muito obrigada!

Resumo

Este trabalho tem como objetivo problematizar práticas de leitura fruição em sala de aula percorrendo a experiência com a leitura vivenciada por alguns docentes e discutindo alguns episódios ocorridos no cotidiano escolar. Os episódios apresentados e observados aconteceram em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular situada na cidade de Campinas. Levando em conta o atípico ano de 2020 o trabalho busca também apresentar cenários vivenciados antes, durante e depois da quarentena devido à pandemia do COVID-19, trazendo questões importantes na formação da criança como leitora. Essas questões permeiam assuntos como a obrigatoriedade escolar, o planejamento docente, a mediação e a interação entre escola e família. Este TCC analisa os cenários descritos tomando como fundamentação de alguns autores como Tonin (2016), Lajolo (2005), Petit (2009) e Guedes-Pinto (2009).

Palavras-chave: leitura fruição; professora; prática de leitura; mediação.

Sumário

1. Relembrando os caminhos	7
2. Referencial Teórico	11
3. Descrevendo o campo de trabalho e as condições de geração de dados do estudo.....	16
4. Descrevendo experiências cotidianas em sala de aula	29
4.1. Por que sempre o mesmo livro?	29
4.2. A obrigatoriedade escolar.....	34
4.3. A leitura em meio à pandemia- a união entre família e escola.....	38
4.4. Dos desenhos sobre a leitura	40
Apontamentos Finais	50
Referências Bibliográficas.....	52

1. Relembrando os caminhos

Relembrar os caminhos que me trouxeram à Pedagogia constitui-se como algo desafiador para mim. Expor todas as feridas, as frustrações e até mesmo certa fuga dessa profissão que hoje faz parte de mim, significa me defrontar com uma tarefa desafiadora da qual eu fugia incessantemente. Tentei traçar outros caminhos, pois temia pelo futuro se fizesse aquilo que no fundo sabia que era a coisa certa. E hoje, ao me encontrar aqui escrevendo esse relato que introduzirá minha monografia de Trabalho de Conclusão de Curso, me sinto grata pelo presente que construí na minha curta – ainda – vida profissional.

Sempre lecionei em aulas dominicais na igreja em que frequentava com a minha família; cheguei até mesmo a trabalhar em uma famosa franquía que ensinava alunos de forma individualizada por dois anos durante meu Ensino Médio, mas na hora de escolher o que faria para o futuro, percorri diferentes caminhos por quatro longos anos. Até que um dia meu pai me olhou e disse que sempre me reconheceu como uma professora e que estava cansado de me ver frustrada por conta dessa luta que havia travado contra mim mesma. Não pude esquecer essa fala e resolvi tomar uma atitude. Faltavam poucos meses para o vestibular daquele ano e eu não podia mais uma vez me inscrever em algo que não queria de fato fazer.

Procurei minha antiga chefe e perguntei se havia uma vaga naquela nova franquía e ela me disse que sim, uma vaga para lecionar português. Era minha chance de finalmente encarar a situação e ver se esse “dom” que meu pai havia reconhecido em mim era mesmo real. Pois bem, lecionava três dias por semana e quando finalmente chegou o dia de me matricular no vestibular, não tive dúvidas: o curso de Pedagogia era o meu lugar e, mesmo tendo postergado por tanto tempo, ainda podia estar ali esperando por mim, o que realmente aconteceu.

Em 2017 ingressei na Faculdade de Educação da Unicamp e comecei a frequentar o curso. Logo no primeiro semestre tive dois excelentes incentivos que me mostraram que estava

no caminho certo; dois professores da universidade que me transmitiam paixão pelo que estavam fazendo em sala de aula: Carlos Miranda e Ana Guedes. Me lembro que uma das coisas que me chamou atenção nas aulas do Carlos era o fato de que ele nos desafiava a cada aula. Logo ali no primeiro semestre ele nos mostrou todo o lado difícil que a Pedagogia nos traria. Toda a desigualdade, todo o sistema, a falta de valorização, os desafios, tudo aquilo que um dia eu temi durante anos foi apontado para mim e eu não tive mais medo. Isso mudou minha visão e me fez ir em busca de algo dentro dessa área específica para trabalhar e foi assim que logo no final do primeiro semestre me candidatei - e consegui ingressar - em uma escola particular da cidade de Campinas para estagiar. Foi a decisão que mudou de uma vez por todas as minhas perspectivas: a educação era realmente (e finalmente) o meu lugar.

Como meu estágio tomava parte da minha tarde, logo no segundo semestre precisei remanejar meus horários na faculdade. Costumava ir às aulas pela manhã, depois para a escola e logo retornava à universidade. Era uma rotina cansativa, mas a cada dia me encontrava mais e sentia que as coisas finalmente se encaixavam para mim no ramo profissional.

Me recordo das aulas da Ana no primeiro semestre. Ela nos mostrava como eram os trabalhos científicos universitários, quais normas deveríamos seguir para escrever, quais livros nos ajudariam a fornecer orientação para a escrita universitária, como deveríamos organizar as referências no texto, etc.. No entanto, o que me despertou interesse por ela, e pela forma como ela lecionava, foi a prática da leitura oral dos livros de literatura infantil. Confesso que não esperava ter uma professora que lesse esse tipo de texto em uma aula com essa temática (“estudo e produção acadêmica”), e a forma com que cada livro era lido por ela me encantava, e despertou a vontade de um dia ler daquela mesma forma para os meus alunos.

Fui alfabetizada pela minha mãe. Mesmo indo à escola desde muito nova, ela me ensinou sozinha a ler e escrever. Ela sempre leu para mim, me comprava livros, me incentivava, e mesmo assim a leitura nunca foi vista por mim como um prazer. Cresci e constatei que comigo

também crescia a cobrança em relação às leituras, às avaliações, ao vestibular; a pressão que todas aquelas páginas traziam ia aumentando a cada novo ano escolar e eu nunca pude imaginar que alguém me ensinaria o prazer pela leitura, mas isso aconteceu no momento que eu enxergo como o mais improvável. Afinal, quem poderia começar a se apaixonar pela leitura no terceiro ano do ensino médio? Pois é, por mais improvável que isso tudo pareça foi ali que eu comecei a gostar de ler.

A pressão do vestibular estava nos rondando a cada aula e foi a literatura brasileira que me despertou, através de uma professora chamada Ivonete. Nós liamos todos os livros que eram obrigatórios e éramos avaliados por isso, mas me lembro claramente do dia em que ela começou a falar de Machado de Assis. Algo diferente na forma como ela nos contou sobre ele e sobre suas obras chamou minha atenção e fui conversar com ela ao final de um período. “Dom Casmurro”- ela me disse- “Você vai amar esse livro”. E assim o gosto pela leitura começou. Me vi devorando livros como o próprio Casmurro (que inclusive coleciono hoje em dia em suas mais variadas edições), segui lendo Memórias Póstumas de Brás Cubas e fui me apaixonando por sua narrativa. Sempre perguntava a ela qual indicação me daria e assim aprendi esse gosto.

Como poderia então não acreditar que eu, como futura professora não poderia ensinar o mesmo aos meus alunos ainda pequenos? Isso nunca tinha passado pela minha cabeça, e ali, logo depois, como estagiária remunerada, mal pude esperar pela minha primeira leitura para aquelas crianças de apenas seis anos de idade. Um mês depois que entrei no colégio eu li pela primeira vez e pude sentir que não foi tudo aquilo que eu esperava; mas, sem dúvida, foi um despertar de curiosidade e descobrimento, pois ali na Educação Infantil eu poderia brincar lendo, poderia encenar, poderia trazer vida àquelas histórias e despertar interesse naqueles alunos que estavam dando seus primeiros passos nesse mundo como leitores.

Segui no mesmo colégio como estagiária durante um ano e meio e aprendi muito com cada professora que acompanhei, com cada leitura em sua particularidade, com cada turma que

estive junto, até que chegou a minha vez: no final de 2018 fui contratada pela escola como professora do contra período de aulas (Integral) e, no desafio de lidar com planejamento, reuniões de pais e toda a rotina, eu encontrei em cada dia da semana um espacinho para ler para meus alunos. Ler sem o compromisso da avaliação, sem obrigatoriedade, ler os livros que eu escolhia. E todos os dias eles me escutavam por vezes sentados, por vezes deitados, no meu colo, nas mesas, de diversas maneiras e esse foi o ano em que eu mais li em toda a minha vida. Me encantei por cada livro de literatura infantil e muitos deles vieram a fazer parte da minha coleção pessoal.

Ainda em 2018 tive a oportunidade de fazer estágio no segmento do Ensino Fundamental com a Ana Guedes. E mais uma vez aquela experiência ratificou para mim todo aquele carinho pelo ato da leitura. Me recordo de uma aula específica na qual ela pediu que todos nos sentássemos em roda no chão da sala e nos leu um livro de literatura infantil, me fazendo me sentir como meus alunos se sentiam todos os dias e isso só fortaleceu meu gosto pela profissão e por ler.

No ano de 2020, precisava me preparar para o TCC e procurei pela Ana. Em um primeiro momento pensei em permear por outros temas, até que ela me sugeriu problematizar a leitura e todas essas memórias aqui descritas me fizeram abraçar a oportunidade de escrever sobre isso. Eu precisava contar a mais pessoas que podemos aprender e ensinar a ler, pois há pouco tempo eu também não sabia disso e precisava estudar mais sobre como proceder para realizar essa proposta, agora tão próxima à minha formação. E é por essa razão que aqui se inicia um relato de um trabalho que visa mais do que a formação acadêmica, visa um compartilhamento de ideias e experiências sobre a importância de ler livremente dentro do ambiente escolar, sobre praticar a leitura como um prazer que pode ser ensinado e ser aprendido de forma leve e sensível.

2. Referencial Teórico

Muitas vezes, dentro do ambiente escolar existe aquele momento demarcado na grade de horários para realizar uma leitura de um determinado modo, em um certo tempo, dentro de todo um processo avaliativo e nós, como docentes, precisamos nos cercar de cuidados para encontrar espaços nos quais ela ainda possa a ser exercitada de maneira prazerosa para nossos alunos. Transpor as barreiras das avaliações e experimentar um processo em que a/o professora/professor permita a aproximação e convide os alunos a ela, em que a paixão possa contaminar seus alunos, pode ser uma maneira ainda possível de a leitura fruição acontecer (TONIN, 2016). Segundo Lajolo (2005, p. 5) “ler é mesmo uma delícia, um grande prazer. Mas só para quem sabe, pois, o prazer da leitura é um prazer aprendido” e, ao enxergar a leitura dessa maneira podemos entender nosso papel como professores na vida de nossos alunos. Ainda segundo a autora, nosso lugar social de ensinar o gosto de ler será sempre situado a partir da nossa própria história e com nossa própria experiência de leitores. Precisamos do entendimento de que podemos atuar nessa mediação da leitura prazer com nossos alunos: “mediar é, talvez, sobretudo, deixar que eles se aproximem, que provem por si mesmos, que tenham voz em relação ao que leem.” (TONIN, 2016).

Lajolo (2005) reforça também, quando orienta sobre como uma escola e os professores podem construir um ambiente propício à leitura, a importância de se buscar construir um acervo diversificado de livros, que mostre aos nossos alunos diferentes assuntos, épocas, ilustrações. Tudo como forma de despertar o interesse e mostrar a quantidade de informações distintas que podemos encontrar em cada livro existente, afinal “as pessoas procuram ler o que interessa a elas, o que acham que pode ajudá-las, que pode ensinar-lhes o que precisam saber, o que pode interessá-las, o que pode diverti-las.” (LAJOLO, p.17, 2005). É importante que nossos alunos percebam a variedade de descobertas que podem ser feitas através de um livro, não apenas

sozinhos, mas compartilhando com os demais essas experiências em momentos de troca entre todos os integrantes da sala, incluindo os professores. E cabe ao docente planejar momentos de sua aula que possibilitem essa interação. Para Tonin (2016) é assim que buscamos, de algum modo, ressignificar um breve momento do que seria a aula, transformando-o em possibilidade de troca descompromissada, mas cheio de oportunidades de enriquecimento.

O planejamento das aulas se faz extremamente necessário para que momentos assim sejam proporcionados aos alunos. Segundo Guedes-Pinto (2009) se entendemos que cabe a nós assumirmos a condução do processo de ensino, tomamos a responsabilidade pela organização do nosso modo de dar aulas e de como proceder frente ao planejamento que elaboramos. Somos nós os responsáveis pelas decisões e escolhas sobre que tarefas realizar, que tipo de atividade priorizar, isto é, são diversas as maneiras com que podemos atuar com os alunos no desenvolvimento de nossas aulas. Assim, o momento de leitura-fruição pode e deve ser priorizado em nossa rotina, e é importante que alguns cuidados sejam tomados em relação à disposição do ambiente onde isso ocorrerá, pois segundo Tonin (2016) os fatores espaciais contribuem para que a leitura fruição se confunda com outras modalidades de leituras escolares. Em geral, no momento de um aula tradicional os alunos permanecem sentados, ouvem, não fazem comentários; o professor, por sua vez, está em pé, discursando para seu auditório – ou seja, talvez, para alguns, uma ideia de “submissão” dos alunos em relação ao professor, o que vem corroborar uma prática que apenas repete e remete a outras “tradicionais” tendo em vista que a organização já conhecida permanece; seria mais uma obrigação escolar e “Todos sabem que o obrigatório é objeto das mais violentas imprecações por parte dos alunos, e é considerado o que mais se opõe à alegria. Para a maioria, alegria é sinônimo de opção. Como esperar alegria de um lugar onde não existe opção?” (Apud SNYDERS, 1993, p. 102).

Porém, quando se fala da obrigatoriedade e dos possíveis efeitos que ela pode causar aos alunos pode também se questionar se dentro dela não há espaço para leitura-fruição,

principalmente porque, de acordo com Snyders (1993) uma primeira alegria consiste em que a obrigação escolar pode oferecer ao aluno um leque de experiências emotivas que não tem equivalente no mundo cotidiano, na liberdade comum: emoções vivas, às vezes violentas, mas controladas pelo conjunto da situação. Ou seja, podemos em nossos planejamentos desenvolver uma atividade que possibilite ao aluno contatos e experiências considerando a sala de aula como um ambiente privilegiado que possibilita uma imensa troca de conhecimento e ainda assim permite que cada um exerça sua subjetividade e encontre diferentes sentidos em cada livro. Petit (2009) menciona o quanto cada sujeito, ao ler, é afetado pelo texto e pode reinventar-se:

O leitor encontrava palavras, imagens, para as quais dava outros significados, cujo sentido escapava, não somente ao autor do texto, mas ainda àqueles que se esforçam em impor uma única leitura autorizada. O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, emprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo. (PETIT, p.28, 2009)

Cada leitor trará ao mesmo livro lido distintos significados. Daí se dá a importância de utilizarmos o ambiente escolar e de planejarmos momentos nos quais possamos nos reconhecer num espaço de leitura e de partilhar saberes e apreciações – tanto para os alunos quanto para os professores, como nos diz Tonin (2016)

A relação hierárquica escola-professor-aluno não desaparece quando observamos o exercício da leitura fruição – o jogo de forças está lá, presente, por exemplo, quando tal prática torna-se parte obrigatória do cotidiano escolar. E a figura do professor guarda certa hierarquia, como aquele que conduz o processo com autoridade (e não autoritarismo). Reconhece-se, assim, que “O educador é, simultaneamente, superior aos alunos por sua posição, seu saber e sua experiência de vida e é superado pelos alunos na mesma proporção em que o amanhã supera o hoje, em que a força que se anuncia supera as realizações já fixadas. (SNYDERS, 1993, p. 84) – então, a ideia de superação pode ser concebida como a fluência da interação proposta e desencadeada pela leitura fruição: se o professor é quem conduz, quem determina o que e como se lê naquele momento, por outro lado, o aluno é aquele que primordialmente ressignificará o texto, extrapolando controles e limites e elaborando novas e imprevistas leituras a partir do texto apresentado – desvio e reformulações que também podem ser propostas pelo professor, quando conduz e desempenha sua leitura para os alunos. (TONIN, p.54, 2016)

Lajolo (2005) ressalta que quanto mais cedo se iniciar a criança no mundo dos livros, provavelmente mais cedo ela gostará de ler e aprenderá a apreciar e ouvir o conto de uma

história ou de lê-los por conta própria para seu próprio desfrute. Sendo assim, a leitura deve realmente fazer parte do cotidiano dos alunos, não somente na obrigatoriedade, mas também fora dela. É importante que haja a versatilidade nos ambientes, nas cores dos livros, nas propostas planejadas previamente, para que o aluno se sinta seguro para as trocas com os demais e para que seja algo eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Tonin (2016) o docente deve delinear os caminhos que serão traçados por seus alunos oferecendo, dentro de um repertório prévio, a possibilidade de escolhas, indicando novos horizontes e novos repertórios, porém sem deixar de lado a sua importância como representante da instituição escolar e responsável por corroborar práticas e preceitos que auxiliem no desenvolvimento e aprimoramento de competências e habilidades linguísticas e textuais. E para que esses papéis caminhem juntos é importante que o professor se mostre como alguém apenas mais experiente, mas não melhor que seus alunos.

A leitura em voz alta pode ser uma grande aliada dos professores para mostrar diferentes maneiras de ler, o que é importante para os alunos, principalmente àqueles que ainda não dominam a leitura e não reconhecem as notações da escrita. Naqueles momentos eles precisam confiar totalmente em quem traz voz ao livro, confiar no que está sendo dito e na veracidade que as palavras tomam ao ecoar em suas imaginações. Segundo Tonin (2016) optar pela leitura em voz alta significa imprimir um ritmo – e, se considerarmos que vários são os leitores em questão, trata-se de reconhecer várias entoações possíveis e várias personalidades que se tornam perceptíveis no texto por meio da voz.

Quando nos referimos aos alunos do Ensino Fundamental podemos pensar em momentos destinados à leitura em voz alta realizada não apenas pela professora, mas também pelos próprios alunos, a fim de demonstrar que cada um tem seus gostos, maneiras e desafios. Compartilhar a leitura como algo natural e cotidiano traz essa prática de maneira leve. Algo importante é ter uma biblioteca na qual os alunos possam escolher livros para ler sozinhos ou

em casa com seus familiares e depois compartilhem suas impressões com os colegas. Dá-se mais uma forma de demonstrar que às vezes aquele livro que significou algo para quem já o leu pode significar algo diferente, reinventado e inesperado para outra pessoa. Quanto mais maneiras encontrarmos de mostrar aos nossos alunos a liberdade que os livros trazem, mais eles se sentirão seguros para fazer parte desse mundo da leitura de literatura como prazer.

Ao compartilhar a leitura, ao contrário, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. E também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal. (PETIT, p.43, 2009)

3. Descrevendo o campo de trabalho e as condições de geração de dados do estudo

Cavalcanti (2003), antropóloga carioca que pesquisou o espiritismo no seu mestrado e o carnaval em seu doutorado, partilha de suas dificuldades em se distanciar de seus julgamentos prévios em relação ao campo de pesquisa. Viu-se em um permanente exercício de distanciamento e aproximação do que estudava. Procurando me pautar em sua postura, tentarei apresentar o local onde estou inserida como professora e onde me nutri de meus dados para este estudo.

Para que possamos mapear o trabalho de investigação desenvolvido, é necessário caracterizar o ambiente e as formas de ensino da escola em que trabalho, a fim de tornar mais visível as possibilidades de trabalhar a leitura com esses alunos e perceber como eles são impactados por essa prática.

A escola se encontra na cidade de Campinas e é uma instituição de ensino privada e bilíngue. Os alunos da Educação Infantil estão no primeiro prédio e estudam em períodos pedagógicos de quatro horas, podendo optar por atividades extras no período inverso. Já os alunos de Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II estão no segundo prédio, que está na mesma rua, e permanecem das 7h45 às 15h15 com aulas ministradas em português e inglês, normalmente divididas entre manhã e tarde. Em português eles aprendem Língua Portuguesa, História e Geografia e em inglês eles aprendem Língua Inglesa, Matemática e Ciências. Esses alunos também podem optar por atividades extras que vão das 15h30 às 17h30.

O prédio em que trabalho é o do Ensino Fundamental. Ele possui um parque de grama com um tanque de areia; um drive no qual as crianças chegam e vão embora de carro; um pátio; uma quadra coberta; três salas de aula térreas; três salas de aula no primeiro andar; uma sala de

aula para o Fundamental II, que fica em outro espaço da escola e vem sendo construído aos poucos, conforme a turma avança e abre novas salas; uma sala de estudos; uma sala de coordenação, orientação e direção; uma sala de Tecnologia e Informática (T.I); uma sala de recepção e uma secretaria. Além disso possuímos salas de aulas extras como Artes, Karatê, Circo, Balé, Cheerleaders, Capoeira, Música, Hip Hop, Jogos de raciocínio, Jogos e Brincadeira e Homework Club.

Como já informado na introdução, de 2017 a 2019 trabalhei no prédio de Educação Infantil e então, em 2020 iniciei com o Ensino Fundamental e pude me encontrar profissionalmente e descobrir uma nova paixão: o processo de alfabetização. Meus alunos estão cursando o segundo ano e concretizando esse processo, portanto a leitura é muito presente em nosso cotidiano, tanto em português como em inglês.

Antes da pandemia do COVID-19 acontecer eu trabalhava apenas com uma das turmas do segundo ano, ficando com os quinze alunos durante as aulas de português pela manhã e nas aulas de Inglês no período da tarde. Porém, com a chegada do ensino remoto nossa equipe se redistribuiu e fiquei apenas na área de português, somando assim à outra sala de segundo ano e totalizando trinta alunos.

A maior dificuldade do ensino remoto foi readequar as formas de ensino da escola à nova realidade, primeiro porque trabalhamos de uma maneira na qual as crianças sempre realizam suas atividades em grupos de quatro alunos, segundo porque, em um período no qual deveríamos concretizar a alfabetização, ler e escrever à distância seria um enorme desafio. Com o passar do tempo e de muitas readaptações, finalmente conseguimos dividi-las de uma maneira que nos permitiu seguir em frente com o trabalho pedagógico e voltamos à nossa rotina de leitura, assim como tínhamos em sala de aula.

Aqui nesta monografia pretendo focar no programa de Língua Portuguesa para problematizar o ensino no local onde eu trabalho. Ele visa o aluno como o centro do processo educativo e contempla propostas didáticas que o incentiva a ser participativo, investigativo e ativo; centradas em literatura e projetos; que incluem estudos de gênero de textos e que se estruturam em rotinas organizadoras para os professores e alunos. O programa se desenvolve em situações didáticas que são propostas para serem feitas individualmente, em duplas ou em pequenos grupos, oferecendo, portanto, maneiras diversificadas formas de organização dos alunos. A formação dos grupos de trabalho nos centros de aprendizagem constitui parte essencial no desenvolvimento das atividades. Esses centros são áreas organizadas por mesas e cadeiras de cores diferentes, que visam que os alunos trabalhem de forma independente e explorem, sozinhos ou em grupo, como aprendizes ativos. As atividades não são criadas para se chegar apenas a uma única resposta certa, pois acredita-se na importância de que as situações didáticas envolvam questionamento e possibilitem o trabalho autônomo, com propostas desafiadoras que estimulem os alunos a refletirem sobre o que estão fazendo. Algumas colocações sobre essa forma de aprendizado se fazem necessárias para seu entendimento, e como modelo de centro sofre pequenas alterações de uma série para a outra, vou focar aqui em como trabalhamos os centros de Língua Portuguesa no segundo ano:

- Os centros são divididos em cinco cores: azul, amarelo, vermelho, verde e roxo. E possuem uma bandeja que contém as atividades que serão feitas em cada um deles. Essas bandejas são adesivadas de acordo com a cor de cada centro para facilitar a identificação e possuem duas rodadas de atividades que duram cerca de vinte minutos cada uma.
- Sempre na segunda-feira a professora faz a separação dos alunos em equipes, que podem ser escolhida pela professora, pelos alunos ou por meio de um sorteio. Cada time de alunos realiza duas atividades por dia, ou seja, a cada dia da semana visitam o centro de determinada cor, como em um rodízio.

- Os centros de aprendizagem devem permitir que os alunos explorem e aprendam por meio de situações didáticas estruturadas. Centros de leitura, compreensão de texto, produção, reflexão da língua, sequências didáticas e jogos estarão presentes ao longo de todas as unidades.
- Durante a realização das atividades uma professora fica responsável pelo Centro de Leitura Guiada (sobre o qual falaremos mais a frente) e a outra fica disponível para auxiliar os demais grupos. Esse momento é uma grande oportunidade de interação social, por isso o programa possui inúmeras atividades em duplas e grupos nos quais os alunos conseguem construir juntos as soluções que cada tipo de atividade pede.
- Ao final de cada período de Centros os alunos levam suas atividades até duas caixinhas que são etiquetadas como “finalizadas” e “não finalizadas”. As atividades que eles não finalizaram naquele dia serão novamente encontradas na segunda rodada do Centro de Leitura Guiada que é sempre destinada para essa finalização.

Com o passar do tempo, dentro dessa rotina os alunos desenvolvem muita autonomia, mas ela depende também de que o professor conheça e planeje previamente cada centro, assim como explique claramente e tenha tempo para tirar todas as dúvidas que os alunos apresentarem. O planejamento não pode ser engessado, ele precisa trazer flexibilidade, assim como os tempos determinados para cada rodada. Apesar disso, os alunos precisam estar cientes de quanto tempo poderão permanecer em cada centro, quando uma tarefa está completa e quando é hora de seguir em frente – um mecanismo de autorregulação que servirá o indivíduo ao longo do período escolar e da vida. Eles são necessários para que aos poucos aprendam a gerenciar e se organizar, mas não podem ser parte de uma construção que reprima ou cause ansiedade.

Quando nos referimos mais especificamente à leitura, utilizamos quatro tipos distintos em nossas salas de aula, descritos abaixo:

- leitura interativa: a professora lê em voz alta para toda a sala ou pequenos grupos, parando em alguns pontos para acolher comentários e perguntas. Durante a leitura, motiva os

alunos a fazerem inferências a partir dos indícios de parte do enredo lido. São usados diversos livros de literatura infantil; a coleção contém uma variedade de gêneros e representa nossa diversidade social.

- leitura compartilhada: tendo um exemplar de um mesmo livro à mão ou acompanhando texto em formato ampliado (acompanhando com um marcador), todos os alunos se envolvem e acompanham a leitura do professor. O processo inclui ler livros dos projetos literários; reler poemas e canções; reler reescrita de contos; reler produções coletivas; ler textos em sites ou blogs.
- leitura guiada: o professor trabalha com um pequeno grupo de alunos com processos de leitura similares, introduz novos livros e auxilia-os a lerem o texto todo ou parte dele para si mesmos e para seus colegas, fazendo intervenções durante e após a leitura. Algumas vezes, o professor envolve os alunos em uma discussão mais extensa para ampliar sua compreensão e proporcionar trabalho com as palavras.
- leitura independente: os alunos leem uma ampla variedade de materiais, sozinhos ou com parceiros. Nas situações de leitura independente realizadas nos Centros de Aprendizagem, os alunos desfrutam da satisfação da própria capacidade e possibilidade de ler sem ajuda. Dessa forma, podem ler e realizar atividades com seus próprios recursos.

E é a partir dessa metodologia que os alunos vão se familiarizando com esse mundo da leitura. Cada sala de aula tem sua própria biblioteca e na nossa acrescentamos, além dos livros que já tínhamos, alguns gibis que as próprias crianças trouxeram para completar nosso material de leitura como forma de fazer com que eles se sentissem ainda mais parte dessa nossa construção e variando nossos gêneros textuais.

Temos também um marco em nossa rotina: todos os dias quando chegam à sala de aula, os alunos participam de um momento chamado de D.E.A.R TIME (Drop Everything and Read), no qual eles escolhem um livro de sua preferência e leem individualmente no lugar de sua

escolha. Nossas salas de aula possuem não apenas mesas e cadeiras, mas também pufes, tatames e almofadas para que eles se sintam à vontade. A interação com os professores é livre, e nesses momentos podemos compartilhar experiências incríveis, compartilhando as histórias e saindo um pouco da zona de obrigatoriedade escolar ou da avaliação. O dia já se inicia com uma leitura leve e descompromissada. A respeito desse momento específico da leitura fruição, Tonin assevera:

A proposta ora analisada de leitura fruição atualiza, pois, a leitura, trazendo-a como exercício do prazer (quicá da contemplação, mais ou menos crítica, dependendo da recepção dos leitores e de suas posturas de recepção) e concretizando-a pela interação fundadora entre professores e alunos no espaço da sala de aula. Busca-se, assim, de algum modo, ressignificar um breve momento do que seria a aula, transformando-o em possibilidade de troca descompromissada, mas preñhe de oportunidades de enriquecimento. (TONIN, p.60, 2016)

Após o momento de leitura individual as crianças podem compartilhar suas experiências em um momento chamado “Circle Time” do qual participam do momento de Leitura Interativa, que nada mais é do que o momento no qual a professora lê um livro que normalmente vai sendo pausado e concluído aos poucos, dia-a-dia, a fim de despertar a curiosidade e o interesse de cada um. E foi observando a professora com quem eu trabalho, e participando dessas leituras, que pude observar a importância do planejamento desse momento, tanto no planejamento da aula em si, como no conhecer previamente a obra escolhida. Também pude perceber como há diversas maneiras de ler e interpretar, de partilhar sentimentos e impressões a respeito do que era lido; de permitir que os alunos contribuam, questionem e façam parte daquele momento, que mesmo que seja obrigatório em algumas situações, que seja para realizar uma atividade ou trabalhar a retenção de informações, pode ser também prazeroso para aquelas crianças. Isso pode ser notado em outros momentos, quando as crianças comentem sobre a história entre si, utilizando-as em suas brincadeiras, pedindo que os pais adquirissem aqueles livros, desenhando livremente sobre eles. Foi aí, então, que minha atenção começou a se voltar para o fato de que

ali tínhamos o espaço e a oportunidade privilegiada de influenciar esses alunos positivamente e ensiná-los o prazer que pode ser encontrado na leitura. Sobre esses aspectos, Tonin afirma:

Não basta, portanto, ser apenas leitor e oralizar o texto. É preciso conhecer essa obra, ter lido antes – em suma, pensar sobre o que ler, escolher, preparar. E assim fazer daquela leitura momento de doação cuidada ao outro. Ao desempenhar, pois, o papel de mediador, leitor e ledor, o professor, na leitura fruição, carrega em si a responsabilidade de transportar pela voz o texto escolhido e, sobretudo, via essa exposição que é sensorial, como já apontei, dedicar um momento de partilha ao outro e transmitir paixão – a qual se traduz no gesto ali desempenhado e se confirma pelo cuidado (ou não) na escolha do texto, pelo gosto que sua voz pode transmitir quando oferece esse texto ao outro, no caso, seus alunos. (TONIN,p.135, 2016)

Para a realização desse trabalho de TCC tive intenção de destacar a opinião de outras colegas de profissão que pude entrevistar sobre a importância da leitura. Tonin (2016), ao desenvolver sua pesquisa, procurou ouvir as vozes de seus colegas professores a respeito de como pensavam a prática da leitura na escola. Ao se referir a esse quesito, a autora sublinha o cuidado necessário ao entrevistar o outro valorizando seus dizeres

Pois são essas narrativas que nos permitem concretizar o que, até então, se configurava como passado etéreo e talvez relegado a uma circulação e rememoração mais individual (e talvez, por isso, mais limitada). Trazer à tona as versões que nos permitem entrever detalhes e ampliar nosso olhar e a divulgação de determinadas vivências. (Tonin, p.179, 2016)

Em um primeiro momento busquei entender qual era a experiência e a história pessoal de cada uma delas com a leitura, pois segundo Lajolo (2005) é a partir delas que o professor trabalhará a leitura com seus alunos, principalmente tendo consciência de que independentemente de como possa ser a relação dele com a leitura, ela pode ser transformada por ele e por seus alunos.

A realização das entrevistas ocorreu de uma maneira diferente do que havia planejado em um primeiro momento, devido à pandemia em que nos encontramos. Ao invés de entrevistas presenciais pude fazer algumas via vídeo chamada, algumas através do WhatsApp ou por textos que as pessoas me escreveram me contando um pouco de suas experiências com a leitura. Ouvi os áudios, li os textos e gravei as entrevistas por vídeo, depois transcrevi o que tinham dito, pois

não quis interromper ou imprimir nas respostas qualquer indução. Como apresentado por Tonin (2016), é muito grande a responsabilidade do pesquisador, em lidar, organizar e categorizar os relatos que são concedidos e que, junto à sua voz, daquele que, a princípio, conduz o processo (ou pensa conduzir), vão se juntando em novas versões e novos textos sobre os fatos. Por isso, em todas as entrevistas a maior preocupação foi permitir que o sujeito ficasse à vontade, que ele trouxesse até mim sua experiência despida de qualquer rotulação. Assim, pedi apenas que me contassem qual a experiência de vida que tinham desde a infância até agora, permitindo que eles trouxessem aquilo que era marcante. Lins (2004), ao problematizar as filmagens de Eduardo Coutinho, fornece algumas indicações valiosas:

Conversar, orientar uma conversa, "desprogramar", atrapalhar o menos possível, mas intervir de alguma forma, estas são questões que não se resolvem de "uma vez por todas". Não há como fazer um "manual" das perguntas corretas. A cada vez que acontece uma entrevista, surgem resoluções diferentes, com seus erros e acertos. Estamos sempre ameaçados "sob o risco do real". (LINS, p. 146, 2004)

Ao todo foram realizadas onze entrevistas, sendo cinco docentes e seis estudantes de nível superior que estão em formação para a docência. Todas as entrevistadas trouxeram à tona suas experiências na infância, positivas ou não, à família e relataram que a rotina do dia-a-dia acabou por afastá-las da leitura. Cinco delas ligaram a esse fato a experiência que vivenciaram com o passar dos anos da vida escolar. Maria¹ traz uma observação importante sobre o papel

¹ Os nomes dos entrevistados aqui utilizados são fictícios, conforme acordado nas entrevistas.

que essas duas instituições exerceram em sua paixão pelos livros.

A minha experiência com a leitura sempre foi muito profunda. Tenho pais advogados e irmãs também, além de uma irmã professora. Sempre fui rodeada de livros, pedia de presentes de aniversário, mas com o passar do tempo e a correria da rotina o meu hábito de ler foi diminuindo. Não tenho muito apreço pelos livros canônicos e extremamente teóricos e esses livros inclusive diminuíram minha vontade de fazer uma leitura mais leve, de diferentes gêneros. A minha própria trajetória escolar diminuiu a minha paixão pela literatura.

Com as entrevistas foi possível identificar que a experiência com a leitura fruição vai se tornando rara durante a vida escolar, pois entra em cena a obrigatoriedade da leitura de textos específicos para a avaliação. Aquela leitura que não tem uma finalidade em si além do prazer vai se perdendo com o passar dos anos e a obrigatoriedade se torna uma imposição capaz de anula-la, porém “o obrigatório não precisa se configurar como imposição, mas sim se apresentar como oportunidade e tempo privilegiado, “protegido” para desempenhar determinada atividade.” (TONIN, 2016, p.69). É por isso que se reforça mais uma vez a importância do planejamento do professor e da demonstração de que ele não é apenas quem transmite, mas quem compartilha conhecimento.

Um educador que conheça sua profissão, que tenha o domínio daquilo que se propõe e que tenha preparado minuciosamente seu curso – ao mesmo tempo, os alunos sentiriam que ambas as partes são associadas na mesma tarefa e que participam juntas da mesma busca. A alegria de descobrir com um professor que também descobre, que busca, explora, tenta, tateia com eles e, talvez, um pouco graças a eles. (SNYDERS, 1993, p. 85)

Levando em consideração que “em um processo educativo, os significados podem ser reelaborados. Não são estáticos” (SILVA, 2004, p.16), podemos trabalhar o obrigatório sem deixar de lado o que está disponível além dele. No mundo letrado em que vivemos estamos em processo de leitura constantemente e ela se apresenta para nós em diferentes faces. É importante que ao tornar tangível o equilíbrio entre o papel do professor dentro do ambiente escolar e das obrigações que ele traz juntamente com a diversificação de leituras oferecidas, possamos enxergar que um maior número de alunos será atingido. Em muitas entrevistas foi possível

perceber as influências que a escola e os professores desempenharam na vida das entrevistadas.

Uma delas foi Suzana, uma professora em formação que diz não gostar de ler:

Gostaria de ter um maior prazer lendo para oferecer isso aos meus alunos, pois acredito que a escola pode dar dois caminhos: o que fez comigo de não incentivar e acabar desmotivando ou um olhar diferente mostrando que a leitura pode ser prazerosa.

Além dela, outras entrevistadas destacaram o papel da instituição e dos docentes, nem sempre de forma positiva. Porém, seja como professoras ou futuras professoras, todas enxergaram as possibilidades dentro do ambiente escolar:

Luiza: O professor é um dos exemplos para os alunos, então se o professor apresenta livros para os alunos, eles podem acabar se interessando por leitura e vão passar a gostar de ler. Se a escola estimula os alunos a conhecer diversas obras e estilos literários (desde romances até gibis), cada aluno desenvolverá os seus gostos pessoais.

Lídia: Durante o ensino fundamental I, meus professores sempre levavam a turma para a biblioteca, onde poderíamos escolher qualquer livro, sem a necessidade de realizar nenhuma tarefa relacionada ao livro. Era livre. Acho que foi marcante pra mim e uma influência positiva que não me deixar desistir. Ao mesmo tempo que a escolas podem proporcionar experiências incríveis para os alunos, instigando o prazer pela leitura, também pode causar traumas, expondo os alunos, ou oferecendo leituras sempre de um modo obrigatório, até mesmo como um modo de punição. Então acho necessário tomar muito cuidado tanto como instituição como professor.

Vera: Para escola influenciar positivamente a leitura isso não pode acontecer de forma obrigatória, que venha sem o peso de uma prova ou uma cobrança apenas. Que a escola tente levar isso para o aluno também como lazer, como ver um filme ou ouvir uma música. Mostrar o lado bom, o lado divertido e proveitoso e não só acadêmico. Eu tive muito isso e foi muito maçante. Se o professor pede que todos leiam um livro e deixa o compartilhamento como algo livre, o peso já diminui e você acaba adquirindo um gosto por aquilo

Isabela, que está em formação para se tornar pedagoga, relembra uma experiência que vivenciou no estágio de anos iniciais que a fez refletir sobre como gostaria de trazer a fruição aos seus alunos quando formada:

Acompanhei um professor que afirmou não gostar de ler, em um dos estágios que fiz. Ele não parecia reconhecer a importância da leitura para as crianças: lia porque era obrigatória, naquela escola, a realização de uma leitura inicial para os alunos assim que chegavam na sala. Nesse momento, exigia que as crianças ficassem quietas e de cabeça abaixada, e não podiam interagir com a história. Assim, deixavam de explorar as potencialidades da literatura. Principalmente para os alunos que, como eu, não se deparam com muitos estímulos à leitura em casa, a escola tem um papel fundamental de contribuir para fomentar o gosto dos alunos pela leitura. A existência de uma biblioteca com espaço adequado para leitura, e que possibilite empréstimos; a realização de leituras de livros e de contação de histórias; estímulos para que os próprios alunos sejam leitores para os colegas; e a promoção de espaços de formação para dialogar sobre as potencialidades da leitura aos alunos são algumas das ações que a escola pode proporcionar para melhorar a educação no campo da leitura. Para isso, é importante que a escola caminhe em direção contrária às práticas vazias de sentido - quando educadores leem livros às crianças apenas porque são obrigados a ler, quando colocam o empréstimo de livros simplesmente como um procedimento que os alunos precisam seguir, ou quando não valorizam o momento da biblioteca, por exemplo, estão apresentando aos estudantes uma visão negativa acerca da leitura.

Outro ponto que veio à tona nas entrevistas foi o fato de que, por mais que não se goste de ler, vivemos em um mundo letrado que nos deixa à mercê da leitura o tempo todo. Maria e Isabela reforçam que mesmo com a falta de interesse na leitura que vivenciam hoje em dia, elas leem o tempo inteiro.

Maria: Porém hoje em dia ler faz cada vez mais parte das nossas vidas, desde a hora que a gente acorda até a hora que a gente vai dormir, as redes sociais, as notícias. Ler é

Isabela: Vindo de uma sociedade letrada, não consigo imaginar minha vida sem a leitura. Preciso ler para ir ao mercado e fazer compras, quando quero cozinhar uma receita diferente, quando quero saber alguma informação e pesquiso na internet, quando me comunico com outras pessoas por mensagens escritas, quando assisto a um filme legendado, quando vou assinar um contrato, quando minhas professoras pedem para ler artigos científicos... Enfim, diariamente, me deparo com situações em que preciso ler.

Segundo Silva (2004), vivemos nesse mundo letrado que evidencia a leitura e a escrita o tempo todo e somos então “obrigados” a lidar com elas. Porém esse aprendizado é sempre relacionado como pertencente ao âmbito escolar e pré-determinado para ser aprendido em um ano, em especial na primeira série. Isso nos leva ao risco de desconsiderar as experiências vividas pelos sujeitos fora da escola e que contam com a mediação de inúmeros atores e situações que estão presentes no cotidiano. Entre elas podemos citar as experiências na família, que são tão importantes na infância, mas muitas vezes deixadas de lado. Podemos aproveitar as experiências pessoais e familiares de nossos alunos para integrar duas instituições que muitas vezes parecem lados opostos, mas que deveriam conversar entre si. Ainda segundo Silva, sobre sua experiência pessoal como docente, ela relata que ao reconhecer as famílias de seus alunos como constituintes do processo educativo que ocorre dentro e fora da escola, elas passaram a ocupar um lugar central na prática pedagógica, juntamente com as próprias crianças.

Todas as entrevistadas destacaram a influência das famílias, ou a falta dela, durante a infância. Sete delas liam muito em casa e eram incentivadas pela família; uma tinha pais que não liam, mas as incentivavam; e apenas duas tinham pais que não liam e nem incentivavam a leitura. O que nos mostra que na grande maioria dos lares a leitura é apresentada como algo importante.

Lídia: Minha experiência com a leitura foi uma sempre muito positiva, minha mãe conta que eu fui um dos filhos que mais teve dificuldade em aprender a ler e escrever, mas não sinto que isso tenha tido algum tipo de influência negativa, pois desde muito novinha

Bianca: Minha experiência com a leitura foi e continua sendo muito boa. Sempre vi minha mãe devorando livros, gibis e tinha vontade de fazer o mesmo.

Isabela: Antes de ingressar no ensino fundamental, eu e meus irmãos tínhamos vários gibis da Turma da Mônica em casa, e eu “fingia que lia” - simulava a leitura através das imagens dos quadrinhos. Além disso, às vezes, minha mãe lia alguns livros infantis para nós. Muitos livros estavam no idioma japonês, então ela lia e traduzia frase por frase. Como não era costume dos meus pais comprar livros para nós, os poucos que tínhamos em casa eram presentes de familiares. Teve uma vez que minha mãe copiou manualmente histórias de livros que meus irmãos mais velhos emprestaram da biblioteca da escola para aumentar

Se trabalhada entre família e escola durante toda a vida escolar da criança, podemos criar laços ainda mais fortes entre a criança e a leitura fruição, pois “ao viver dentro e fora da escola uma amplitude de experiências de leitura, as crianças buscam ecos de suas formulações em ambos os espaços, deixando nesses lugares vestígios de suas produções.” (SILVA, 2004, p.127).

4. Descrevendo experiências cotidianas em sala de aula

As experiências cotidianas compartilhadas a seguir trazem momentos que mostraram, em minha experiência com os alunos dos anos iniciais, o quanto essa prática pode impactar os alunos e o quanto a mediação do professor se faz fundamental em relação a ela; não apenas quanto situações cotidianas, mas em relação ao planejamento e ao entender da leitura como algo prazeroso, que não se limita às apostilas, avaliações e que pode, mesmo nelas, proporcionar experiências agradáveis aos alunos. Segundo Tonin (2016), mais do que o ler em voz alta, “há, em jogo, o contato com o texto numa situação privilegiada; há o envolvimento do professor e do aluno; há a mediação da voz e, por vezes, expressões que talvez possam ser consideradas mais teatrais.” (p.239)

A vivência da leitura prazerosa precisa caminhar com os alunos durante toda a vida escolar, com a mediação do professor que entenda a complexidade que se estende às bibliotecas, suas variedades, os livros, suas temáticas, ilustrações e significações. Além do papel que a leitura tem em nossa sociedade, precisamos levar em consideração o que ela significa para nossos pequenos leitores.

As crianças demonstram vivenciar uma prática da leitura que não se reduz à abstração, ela é o uso do corpo, ou ainda a relação do leitor com os aspectos físicos do livro. Falam das imagens, leem a partir delas, perambulando sobre um código imposto, o qual ainda não dominam completamente, porém sabem de seu valor social e do poder que ele representa. (SILVA, 2004, p. 138)

4.1. Por que sempre o mesmo livro?

Uma das alunas do segundo ano criou, durante o período que estávamos ainda no ensino presencial, um vínculo comigo que se deu por meio de um livro. Ela estava ainda no início do processo de leitura, apresentava algumas dificuldades e, nos momentos de leitura fruição, percebi que ela passou a pegar para ler sempre o mesmo livro: “A vaca que botou um ovo”, de

Andy Cutbill e Russell Ayto. Aquela situação despertou minha curiosidade e um dia, no parque, perguntei para ela qual era seu livro preferido da nossa escola:

— *A Vaca que Botou um Ovo, mas ainda não terminei. - ela disse*

— *Você lê um pouquinho por dia?*

— *Eu tento, miss. Ainda leio muito devagar, fico cansada e aí cada dia tento um pouco e fico olhando as imagens. Amanhã você quer ler comigo?*

— *Quero sim. Amanhã quando você quiser ler me chama.*

E foi assim que começamos a explorar aquele livro. Ela não queria que eu lesse para ela, queria ler sozinha cada palavra e queria descobrir sozinha esse mundo. Pedia uma ajuda às vezes e, quando se cansava, dizia que ia olhar as imagens enquanto imaginava o restante da história. Aos poucos ela demonstrava desânimo, mas não deixei de incentivá-la para que não desistisse. Conteí minhas experiências de leitura e expliquei que todos nós passávamos por momentos em que pensávamos em desistir de um livro, mas que ao se esforçar para chegar ao final tínhamos uma agradável sensação. Foi uma experiência e tanto poder ver o quanto aquela conquista era importante para ela, incentivá-la diariamente, reforçar todos os pontos positivos, encorajá-la, me desconstruir daquela imagem de professora que detém o conhecimento. Isso foi algo muito importante para ela e para mim também. A respeito dessa experiência que passei, encontrei em Tonin algumas ressonâncias:

Mesmo como suposto detentor de conhecimentos mais profundos, o professor precisa abrir-se à oportunidade de reconhecer nos alunos interlocutores sagazes, observadores argutos, como sugere a metáfora de Gaarden, no início de *O mundo de Sofia*: são curiosos, estão nas pontas dos pelos do coelho, ou seja, não estão acomodados e querem ver mais, olhar de outros ângulos. (TONIN, 2016, p.29)

Infelizmente, a quarentena devido ao COVID-19 chegou e nos afastou das salas de aula, e com isso esse momento se perdeu. Primeiro porque o livro estava na escola, segundo por que, em meio à tantas adaptações, nós não tínhamos mais tempo para conversar sozinhas; todo tempo

online era de aulas, e todo tempo “livre” era para aprender novas ferramentas e maneiras de aula, prender a atenção e despertar o interesse dos alunos.

Depois de muitas adaptações e readaptações do modelo de aulas online, nós dividimos as salas em dois grupos para realização de atividades durante o período da tarde e, no intervalo de uma dessas aulas, no mês de setembro, essa aluna me disse algo que alegrou o meu dia:

— *Tenho uma surpresa para você. - ela disse enquanto levantava e pegava um livro rosa.*

— *Você agora tem o livro em casa?*

— *Eu tenho, miss. Pedi para a mamãe comprar porque queria finalmente terminar de ler. Aí fui tentando e ontem eu li até a última página! É muito legal né? Eu amei. É meu livro preferido. Depois posso ler para você?*

— *Pode sim. Vamos combinar um espacinho depois para você ler.*

Era possível ver nos olhinhos dela o quanto aquela conquista tinha sido importante e fazer parte disso me mostrou mais uma vez como nós professores podemos incentivar nossos alunos a mergulhar nesse universo de leitura. O ensino remoto tem esse lado ingrato de limitar nossas interações, mas, como professora e incentivadora, pude me utilizar do planejamento de aulas para que ela tivesse espaço e em um dos meus plantões de dúvidas ela leu. Silva também apresenta dados de situações recompensadoras:

“Minha experiência tem indicado que as crianças se apropriam da leitura e da escrita de maneiras diferenciadas. Suas práticas deixam rastros que nos podem conduzir as raízes de suas apropriações. Ou seja, aos nos depararmos com as práticas vividas pelos sujeitos temos a possibilidade de reconduzi-los e reconduzir a nós mesmos às operações que acontecem.” (SILVA, 2004, p.49)

Além da aluna em questão, tive uma outra aluna em período de pré-alfabetização que também passou por um processo de apropriação do mesmo livro. Tudo começou quando iniciamos o ano letivo de 2018. Ela tinha cinco anos e estava em seu primeiro ano naquela escola. Depois de toda adaptação dos alunos, começamos a implementar o “Book Day” que acontecia todas às sextas-feiras e que permitia que as crianças escolhessem um livro para levar

para casa e ler em família. Segundo Silva (2004) é possível para pais contribuir no processo educativo de diferentes maneiras, e naquela idade eles estavam conhecendo os sons das letras, aprendendo a escrever seus nomes completos, iniciando a vida letrada e a participação da família era fundamental.

Eu era estagiária na época, e a responsável por anotar qual livro a criança havia escolhido. Até que, um dia, ao anotar o livro que essa aluna escolheu, percebi que seria a terceira semana consecutiva que ela levaria aquele livro para casa.

— *Você não quer escolher um livro diferente? - perguntei*

— *Não quero. Quero levar esse de novo.*

— *Você tem certeza? Temos livros novos na estante.*

— *Tenho sim. Quero levar só esse.*

O processo se repetiu por muitas semanas, estávamos observando. A professora responsável pela turma chegou a conversar com ela pedindo que ela explorasse outras oportunidades de leitura, escolhesse títulos novos e deixasse que os demais alunos escolhessem aquele livro também, mas ela não quis. Recebemos em certa altura um recado da mãe questionando o porquê de aquilo estar acontecendo há tanto tempo e chegamos a conversar pessoalmente com ela. Ela nos contou que toda sexta-feira a filha pedia que ela lesse, e isso se repetia por todo o final de semana, todas as vezes que ela levava. Ela pediu que tirássemos o livro da biblioteca naquela semana, pois gostaria que a filha ressignificasse esse processo.

— *Miss, cadê o meu livro? - perguntou assim que foi chamada para a escolha.*

— *Nós atualizamos a biblioteca. Ele não está aqui essa semana.- disse a professora*

— *Então não quero levar outro.*

Foi um longo processo, mostramos novos títulos e ela não quis. Levou um livro qualquer depois de certa insistência e não quis que a mãe lesse para ela. Segundo nos foi relatado, ela

chegou a fechar os ouvidos quando a mãe tentou ler. E foi por isso, que na semana seguinte colocamos de volta e os olhinhos dela brilharam ao vê-lo.

— *Miss, o meu livro voltou! Posso levar hoje? – perguntou*

— *Claro que pode!*

— *A mamãe sempre lê ele para mim. Ela lê diferente daquela miss do almoço, mas eu gostei.*

— *A miss do almoço leu esse livro para vocês? – perguntei*

— *Sim. Ela leu e eu gostei.*

Descobrimos a partir daí que a estagiária que ficava com a turma durante o almoço tinha lido aquele título na primeira semana de aula. Segundo Lajolo (2005), essa aproximação da leitura - início da história de leitura de cada um — às vezes começa nas ruas, outras vezes na escola, outras em casa. Chegamos então à conclusão de que aquele livro lido na escola tinha sido a porta de entrada para aquela aluna no mundo da leitura, e como durante os momentos em sala ela não escolhia mais aquele título, entendemos também que ali havia sido criado um vínculo entre ela, o livro, a escola e a família. E ela levou aquele mesmo título durante todo o primeiro semestre de aulas, até que um dia nós vimos uma roda de amigas ao redor dela, enquanto ela lia aquele título fingindo ser a professora. Ela não estava alfabetizada ainda, mas havia decorado todo o enredo e contava a história com entonação, gestos e toda uma teatralização.

— *Olha miss, hoje eu que sou a teacher!*

Com as férias e o passar do segundo semestre ela pegava novos livros e, vez ou outra, isso acontecia por mais de uma semana. Depois ela sempre recontava a história para os amigos “igual a teacher” e achava incrível ter momentos livres para fazer aquilo.

O fato de a leitura fruição não ser direcionada para nenhuma atividade posterior, tampouco ser medida ou cobrada, é um dos fatores que a torna sedutora e talvez especialmente frutífera. A gratuidade convida à fruição voluntária, sendo o exemplo do professor leitor um atrativo e um convite para que os alunos se envolvam e se aproximem das obras. (TONIN, 2016, p.261)

4.2. A obrigatoriedade escolar.

“O verbo ler não suporta o imperativo” (Apud, PENNAC, 1993,p.13).

Na escola onde trabalho fiquei responsável durante o ano letivo por auxiliar alunos do primeiro ano com aulas de reforço de Língua Portuguesa, que ocorriam duas vezes na semana. Eram duas turmas de quatro alunos que me encontravam sempre depois do período pedagógico regular. As professoras da turma me passaram todas as dificuldades que deveria trabalhar com eles, com liberdade para fazê-lo como preferisse e comecei então com uma sondagem. Ainda em fase de alfabetização, as crianças traziam trocas e omissões fonéticas, na maioria dos casos, mas um em especial chamou minha atenção: um dos alunos sempre reclamava quando precisávamos ler um livro e ele já havia sido meu aluno em 2018, e me lembro perfeitamente como ele gostava de livros naquela época.

Com o passar das aulas e das leituras que realizava com eles, sempre escutava dele frases como “não quero ouvir esse livro chato”, “ler é chato, quero brincar”, “você vai ler algum livro hoje?”. Isso me deixava extremamente intrigada, tentei então aos poucos descobrir o que havia acontecido para que o cenário tivesse mudado tanto nesses dois anos. Um dia, apenas ele veio à minha aula, pois tivemos uma mudança na grade e os outros alunos estavam muito cansados durante a readaptação, então aproveitei para tocar no assunto.

— *Hoje só eu vim aqui, a gente podia brincar né?- ele disse*

— *Mas você estava me esperando lá no parquinho, brincou tanto!*

— *Eu queria brincar mais, você vai ler e eu não gosto.*

— *Poxa! Vou ler um livro tão legal!!*

— *Nenhum livro é legal, Miss. Eu gosto de brincar.*

— Otávio², quando a gente estava em 2018 você sempre pedia para ler para você. Eu lembro de ficar lendo com você nos momentos de brincadeira.

— Ah, mas naquela sala eu não precisava ler, a teacher lia e a mamãe também, agora vocês ficam me perguntando “o que está escrito aqui? Que palavra é essa?”- respondeu revirando os olhinhos.

— E se hoje eu ler sozinha e você só acompanhar comigo?

— Eu não quero, Miss. Mas não adianta, eu sei que você vai ler.

Esse diálogo ficou o dia inteiro na minha cabeça. Entendi ali que, para ele, a mudança e o aumento da pressão devido à obrigação da leitura que ele estava enfrentando na fase de alfabetização o tinham afastado do prazer de ler, ou mesmo de ouvir alguém ler para ele. Para mim, aquilo foi uma surpresa e um lembrete: respeitar a individualidade do aluno e olhar atentamente cada situação era realmente indispensável. Tonin faz alguns alertas:

É provável que os professores estejam repletos das melhores intenções quando conduzem e determinam títulos e estratégias de leitura, bem como de avaliação. Porém, tal condução, por vezes, tem se provado ineficiente e a leitura torna-se, então, mais uma atividade escolar enfadonha e vazia de sentido para os alunos. E a interlocução entre leitores e obras vai, pois, esmorecendo e se desintegrando.” (TONIN, 2016, p.97)

Por muitas vezes nós enxergamos a obrigatoriedade escolar conforme os anos escolares passam, como se ela acontecesse e atingisse apenas os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, afinal os anos iniciais trazem aquela ludicidade que vai se perdendo aos poucos. Porém, para esse aluno, já nos anos iniciais aquilo havia se tornado uma obrigação. Tonin, ao problematizar alguns estudos a respeito das práticas de leitura, menciona situações que se assemelham à narrada

A infância feliz, de leituras que eram presentes e faziam não querer dormir torna-se, muitas vezes, o tempo improvável em que ler se tornou obrigação da escola/autoridade, tarefa que dá sono [...]. Leituras que não são do prazer, do dormir embalados pelas aventuras que flutuam nas ondas da voz do pai, seguindo a princesa ou cavalgando com o príncipe. Ou seja, à medida que se cresce e fichas de leitura e relatórios são impostos, diz o autor, e se vai esquecendo o que é ler por prazer, para

² Nome fictício

conhecer outros mundos, divertir-se – pelo menos, no ambiente escolar. (TONIN, 2016, p.107)

Otávio ainda não lidava com fichas de leitura, ele ainda não realizava muitas atividades obrigatórias em relação ao que era lido em sala de aula, mas ele já sentia a pressão de precisar saber ler, de ver amigos lendo, de sentir cobrança dos pais e dos professores. Enquanto estava em aula era muito difícil fazer com que ele tivesse interesse em participar, e conversando com as professoras descobri que era assim em todas as aulas. Tentamos então lançar mão de novas estratégias, de nos vigiar atentamente para não instaurar uma cobrança sobre precisar reconhecer o código escrito, ler aquela palavra ou frase. Resolvi um dia fazer uma aula diferente, como uma pesquisa para mudar um pouco meus planejamentos dali para frente a partir do gosto pessoal dos alunos.

— *Pessoal, hoje vou fazer uma pesquisa com vocês. Quero saber do que vocês gostam de falar, brincar e o que gostam de ler.*

— *Eu gosto de gibi- disse uma aluna.*

— *Eu gosto de brincar de ser professora- disse outra.*

— *Eu gosto de futebol- disse um dos meninos da sala.*

— *E você Otávio?*

— *Eu gosto de futebol também. E sou quase igual a Sabrina³, mas gosto daqueles gibis pequenininhos.*

— *Como assim?- perguntei.*

— *Aqueles pequenos não cansam tanto e têm muitas imagens.*

Descobri então que ele gostava de tirinhas, assim como outros alunos que se manifestaram logo em seguida. Foi dessa maneira que tentei modificar um pouco a forma como trabalharia com eles a fim de amenizar, pelo menos um pouco, esse sentimento que podia ver naquele aluno e que talvez, mesmo não sendo visível, atingia outros alunos que ali estavam.

³ Nome fictício

Conversei com minhas colegas de trabalho que ficavam com ele em outros períodos e tentamos nos organizar juntas para que essa situação fosse modificada.

Faz sentido organizarmos nossa ação pedagógica tendo em vista os outros com quem trabalhamos. Isso implica planejar e organizar as aulas de maneira que estejam "atenadas" às demandas e aos interesses daqueles que vivem na comunidade circundante. Significa também não abrimos mão do compromisso com o ensino dos conteúdos escolares historicamente e culturalmente acumulados e sistematizados. Significa ainda tornarmos esses conteúdos na confluência com as demandas dos alunos, algo que possa fazer sentido para se aprender. (GUEDES-PINTO, 2009, p.113)

Nossas novas atividades ainda tinham como foco auxiliar aqueles alunos em suas dificuldades, mas quando encontramos esse algo comum entre eles, senti que as aulas fluíram melhor. Montei algumas atividades de interpretação de tirinhas da Turma da Mônica. Eram leituras curtas e divertidas que caminharam com turma por cinco meses. Aos poucos fomos além, liamos algumas tirinhas, mas comecei a apagar as escritas para que pudéssemos escrever as nossas próprias. Os alunos se divertiam, disputavam a participação, imaginavam muitas situações diferente a partir das imagens, chegavam a um acordo e então montavam as histórias. Otávio faltou em muitas aulas depois de um tempo, estava ficando muito cansado e a mãe optou por deixá-lo descansar, mas sempre me contava que ele fazia as tirinhas com ela e mandava fotos para que eu visse. Ele ainda não estava apaixonado por ler, infelizmente as coisas não acontecem rápido assim, mas já mostrava estar aberto a isso novamente e isso era um grande avanço.

Por fim, nossas aulas acabaram, pois com o retorno presencial não poderíamos mais oferecê-las. As professoras do período regular também mudaram as estratégias e descobriram outros alunos na mesma situação e têm procurado readequar algumas atividades, têm trabalhado tirinhas e deixado gibis em sala. Segundo Tonin (2016) o misto de repulsa pela leitura obrigatória e a cobrança com o encanto proporcionado pelo contato mediado pelo professor parece ser integrante do contexto escolar. Quando professor e a paixão que ele tem pesam mais na balança isso pode se tornar uma influência decisiva para o aluno. Acredito que na vida

docente encontraremos muitos Otávios e por isso precisamos estar sempre atentos a cada situação, para que nossa paixão não nos permita esquecer nossos deveres, mas que nos permita flexibilidade em nosso planejamento, para que seja possível apresentar aos alunos coisas pelas quais se interessem, além das que são necessárias, trazendo-as para o cotidiano a fim de tornar a obrigatoriedade mais leve. Ela nunca deixou de existir e sempre existirá, mas podemos trazer o gosto pessoal e a leitura fruição como grandes aliados em nossa prática. Lajolo (2005) nos lembra que isso pode ser possível: ensinar o gosto. E Tonin nos (2016) reforça que o prazer pode acontecer dentre a obrigação. Aí entre em cena novamente o papel da professora em mediar esse processo e dosar nas escolhas.

4.3. A leitura em meio à pandemia- a união entre família e escola

Durante o ano de 2020 enfrentamos o desafio das aulas online e com elas o distanciamento de nossos alunos, não só em relação a nós professores, mas a toda estrutura de sala de aula, grades de horários e afins. Conforme os meses foram passando, tentamos aos poucos trazer para o ambiente online a leitura fruição para as aulas, disponibilizando em nossa sala virtual alguns livros para que os alunos tivessem acesso quando quisessem. Alguns títulos novos, outros já lidos em aulas, outros utilizados para atividades, porém todos com liberdade de acesso.

Surpreendentemente, ao entrar no sistema, consegui encontrar vários acessos diferentes às pastas, ou seja, eles estavam lendo os títulos. Muito nos intrigou descobrir se as leituras estavam sendo espontâneas ou intermediadas pelos pais, e aos poucos fomos descobrindo que havia sim um incentivo por parte da família, aplicativos instalados no celular para a leitura, livros impressos em casa, leituras em família, mas muitos acessos eram espontâneos. Um dia, na aula da professora que acompanho ela perguntou:

— *Pessoal, vi que vocês estão acessando os livros que a gente colocou no sistema. Vocês estão gostando?*

— *Sim!- disse uma aluna- a Juliana⁴ veio na minha casa e brincamos de escolinha, aí usamos os livros para brincar.*

— *Eu gosto de brincar de ser professora- disse outra- e já que a gente não traz mais livros da escola podemos ler assim.*

Uma pequena situação que nos mostrou o quanto compartilhar esses momentos faz a diferença e impacta cada criança, mesmo em um ano em que tivemos poucos meses de aulas presenciais, a leitura não deixou de ser marcante em nossa prática e isso foi nos mostrado em situações como essa.

Como dito por Tonin (2016), a empreitada de instaurar a leitura pelo prazer como parte do cotidiano da escola não é simples, mas, certamente, trata-se de luta válida, apaixonada e apaixonante. Aquela leitura descompromissada, sem avaliações, integrada à brincadeira era fruto de um exemplo que impactou aquelas alunas.

Além disso, não podemos desvalorizar a importância da família nesse processo, afinal assim como elas adentraram nossas aulas, nós adentramos suas casas e nada disso seria possível sem uma parceria. Para Faria Filho (2000), “os professores e os gestores das unidades escolares alimentam, ainda, a ilusão de uma maior participação dos pais na escola, que seria resultado de uma ação formativa da escola em relação à família.” (p.44). E com a pandemia, o confinamento nos trouxe a possibilidade de fazer essa ilusão se dissolver e tornar-se real. Se professores, gestores e familiares não fizessem uma parceria a favor da criança, o ano letivo teria sido muito diferente, pois o lar se tornou uma extensão da escola, agora mais do que nunca. Bem como dito por Silva (2012) “não é possível olharmos para a leitura nos planos sociais e individuais

separadamente. As esferas pública e privada da leitura estão interligadas: singular e compartilhado constituem essa prática” (p.120).

4.4.Dos desenhos sobre a leitura

Apesar do cenário em que nos encontramos, passei o ano letivo com as mesmas turmas e pude aproveitar a oportunidade do retorno presencial às aulas para observar com atenção quais as mudanças em relação à prática de ler eles apresentaram. Muitos alunos perderam um pouco do hábito e precisaram se readaptar à momentos como D.E.A.R Time ou esqueceram dos livros no momento livre. Confesso que foi difícil filtrar esses comportamentos uma vez que o processo de ler um livro na escola se tornou muito complexo: eles precisam olhar, escolher um livro e pegá-lo, depois de ler ele vai para uma caixa de higienização e se querem um livro que já se encontra nessa caixa, precisam esperar que a equipe de limpeza os higienize e traga-os de volta para a biblioteca. Eu e minha colega de classe resolvemos então iniciar um pequeno projeto com os alunos que estavam na escola. Deixamos à disposição deles todos os livros da sala e todo dia um poderia escolher um livro e ler para os demais. Foi uma experiência muito positiva, eles gostaram muito de exercer aquele papel e liam como nós adultos fazemos, mostrando as figuras, mudando suas vozes e interpretando. Nossa intenção primordial foi trazer de volta à nossa nova rotina o gosto da leitura e a incentivá-los, dentro de um momento planejado por nós, mas com liberdade para que eles escolhessem o livro, o lugar onde queriam ler, onde se sentar.

Como temos apenas dez crianças de volta à escola, o projeto foi algo rápido e quando dissemos que já havia acabado, eles pediram para fazer mais e se organizaram para decidir quem o faria naquele dia.

A liberdade alimenta, pois, o gosto. Tal objetivo – da leitura gratuita, mais “leve”, é enfatizado e garantido, pois, em atividades dos anos iniciais do Ensino Fundamental, aliada a e intensificada por outras atividades relacionadas à alfabetização e ao letramento dos alunos mais jovens. Nesse segmento, são reconhecidos os benefícios oferecidos pela prática de apreciação desinteressada traz aparentemente.” (TONIN, 2016, p.107)

Nosso tempo livre com as crianças ainda é pequeno devido à nova grade que precisa atender ainda quem está em casa, mas tentamos utilizar todos esses momentos para incentivar a leitura de alguma maneira e, ao final de três semanas de aulas (com o retorno pós isolamento) já foi possível notar que ela tem feito parte daqueles momentos descompromissados, por escolha deles, por prazer. Pedimos então que eles fizessem um desenho e uma frase descrevendo o que a leitura significava para cada um deles. Conversei um pouco com alguns e compartilho a seguir alguns desses trabalhos:

- Luiza⁵, 8 anos- “Para mim a leitura significa aventura.”

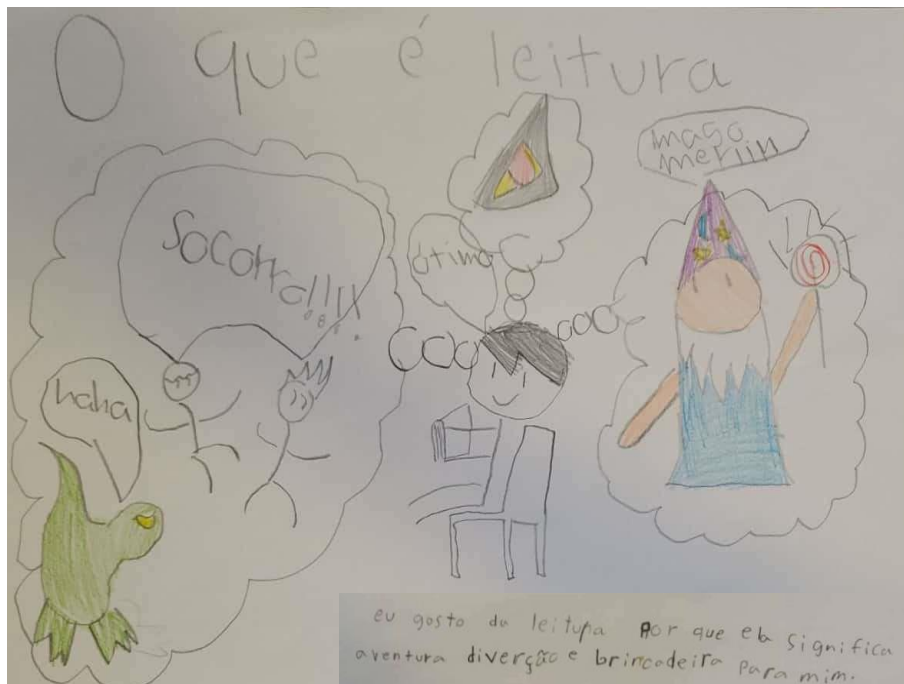


— *Aventura, Luiza? Como assim?*

— *Sim, porque tem coisas que não têm na nossa vida e eu gosto das princesas, dos príncipes ... os animais falam. Acho uma aventura ficar vendo tudo isso.*

⁵ Nome fictício

- Thiago⁶, 8 anos- “Eu gosto da leitura porque ela significa aventura, diversão e brincadeira pra mim.”



— *Eu gosto de ler porque me sinto grande igual ao papai. Ele sempre lê os livros no consultório dele. Aí eu leio os meus e acho divertido, brinco com meus irmãos e leio para eles e a gente gosta de livros de magia.*

⁶ Nome fictício

- Yasmin⁷, 7 anos- “A leitura para mim é muito importante.”



— *Importante por que, Yasmin?*

— *Porque a gente consegue ler tudo, as coisas na rua, no shopping, na nossa casa. A mamãe sempre me pergunta o que está escrito e eu gosto de responder, ela fica toda feliz. E a Clara (irmã) ainda não sabe por que a teacher dela ainda não ensinou. Ela é pequena e eu gosto de ler para ela igual a mamãe faz.*

⁷ Nome fictício

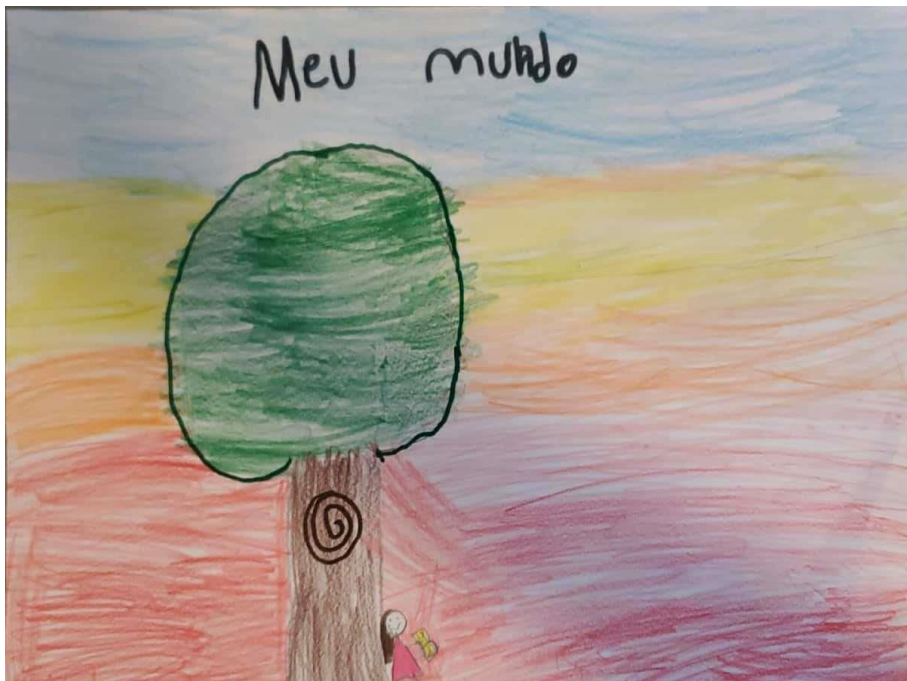
- Letícia⁸, 8 anos- “A leitura para mim é muito importante.”



— *Eu amo ler, teacher. Ainda não leio assim que nem o Olavo (irmão mais velho) porque ele está no 5º ano né, mas ele sempre fala que eu estou melhorando, que eu tenho que escutar as teachers. Quando fui para casa do papai na Bahia eu lia o livro embaixo das palmeiras da piscina, era gostoso porque eu ficava imaginando as coisas que estavam acontecendo. O papai não sabia que eu já estava lendo assim, ele disse que estava feliz.*

⁸ Nome fictício

- Sarah⁹, 7 anos- “A leitura para mim é muito importante.”



— Por que você escreveu que a leitura é o seu mundo, Sarah?

— Porque quando eu tô lendo ninguém fica lá no mundo do livro comigo, mesmo que os meus irmãos também escutem eles imaginam coisas diferentes. Eu imagino uma coisa que só eu sei, fica na minha cabeça. Eu gosto muito de ler, parece que eu descanso.

⁹ Nome fictício

- Tomas¹⁰, 8 anos- “A leitura significa porque eu entro em um mundo diferente”



— *Que mundo é esse, Tomas?*

— *Um que tem tudo que eu vejo no livro. Tudo fala, se mexe. Eu gosto da história do João e da Maria porque a casa é feita de doces. Já pensou, miss? Uma casa que a gente pode comer as paredes, isso não existe na nossa casa, mas quando a gente lê aparece na nossa cabeça igual um filme.*

¹⁰ Nome fictício

- Juliana¹¹, 8 anos- “A leitura significa diversão e a gente aprende a ler. Eu gosto de ler.”



— A mamãe e o papai liam pra mim e pra Laura (irmã mais nova) todos os dias antes de dormir, agora eu ajudo eles também e acho legal. A mamãe sempre e as teachers sempre falam que quanto mais a gente lê, melhor a nossa leitura fica, então eu aprendo um pouco toda vez que eu leio um livro. Tem uns que eu já leio sem ficar travando nas palavras, escolhi um deles pra ler pros amigos no projeto.

¹¹ Nome fictício

- Leonardo¹², 7 anos- “A leitura para mim é muito importante.”



— *É um mundo de fantasia, Miss. Mas eu não gosto de ler toda hora, só às vezes. Então acho que ela significa um pouquinho pra mim. Eu gosto de saber as coisas sem precisar perguntar pra um adulto, mas não gosto muito de pegar um livro e ler sozinho. É legal pra saber como jogar um jogo, pra fazer as atividades da escola sem muita ajuda, mas eu ainda prefiro quando vocês que são grandes leem pra gente.*

Essa experiência do desenho e de conversar um pouco com eles reforçou para mim a importância da leitura de literatura infantil nesse processo e de como para as crianças ler pode significar uma afirmação de que eles estão realmente inseridos na sociedade letrada, uma legitimação de que eles alcançaram algo de extrema importância. A família faz parte disso, pois a valorização que é dada a esse fato dentro do âmbito familiar os leva a ter esse pensamento de leitura como algo primordial, que enche os pais de orgulho e os torna o centro das atenções.

¹² Nome fictício

Modalidade literária tardia [a literatura infantil], aparece só no momento em que a infância passa a ser tratada de modo especial, como idade de formação de homem. Tem, então, desde o começo, um receptor específico, que é a criança, colocada no centro das atenções da família e da comunidade (APUD Aguiar, 2011, p. 243).

Ainda assim, podemos observar em experiências como essa que, dentre as instituições, a escola é vista como a detentora da função de ensinar a ler. A família tem suas expectativas e cobra esse resultado da Instituição Escolar e para a escola e para a professora mantem-se o desafio de, sem deixar o gosto dos alunos de lado, apresentar o obrigatório e trabalhar com ele.

Tonin assim pondera e com ela concordamos:

Por mais que a exigência pelo gosto do que é lido possa ser partilhada – que família, igreja e outros grupos possam colaborar para o desenvolvimento e incentivo do gosto –, percebe-se que a escola detém o privilégio (ou, para alguns, seria o fardo?) de ensinar a leitura (e também que obras se devem ler) e despertar o gosto por essa prática e pelas obras rotuladas como clássicas ou obrigatórias. (TONIN, 2016, p.77).

Apontamentos Finais

Esse TCC teve como objetivo problematizar práticas de leitura fruição no ambiente escolar. Foram apresentados alguns depoimentos de professoras sobre seus percursos de leitura afim de acrescentar informações e conhecer mais o percurso das profissionais da escola; episódios do cotidiano escolar vividos antes, durante e depois da pandemia; situações vivenciadas em sala com alunos do 2ºano do Ensino Fundamental e a significação da prática da leitura para cada um deles através de desenhos e uma breve conversa sobre o assunto.

Frente aos episódios problematizados pode-se perceber que as crianças são muito receptivas à leitura, mostrando de diversas maneiras seu interesse pelos materiais escritos, pelas histórias e pelo mundo imaginário no qual podem mergulhar. Por meio das experiências com elas, também podemos tomar conhecimento do quanto esses pequenos estudantes estão inseridos em ambientes em que a preocupação com o “estar alfabetizado” se coloca como uma demanda exigida que muitas vezes interfere na possibilidade de fruição do ler e escrever. O caso do aluno Otávio, apresentado anteriormente, se mostra exemplar em relação a isso.

É importante ratificarmos ainda que nossa prática é impactada e transformada por nossa experiência com a leitura, por nosso planejamento das aulas e por nossa mediação em sala. Foi gratificante enxergar em um ano tão atípico o quanto todos esses elementos contribuíram para deixar acesa a chama da leitura, mesmo em meio a adversidades. Pude perceber que, mesmo em casa, com diversas opções além dos livros, as crianças não deixaram de apreciar a leitura e retornaram ao ambiente escolar com vontade de ler, participando do nosso novo projeto e dividindo conosco suas conquistas. Isso nos informa que estamos no caminho para que os pequenos estudantes sejam formados como leitores não só na obrigatoriedade escolar, mas também por momentos descompromissados e focados no prazer de conhecer um novo mundo a cada nova folha de um livro. A escrita deste TCC pôde gerar mais ânimo e otimismo para continuar exercendo a função social de professora, introduzindo as crianças às muitas obras primas (SNYDERS, 1993) que a humanidade já produziu e ainda produz. Retomando Petit:

O leitor vai ao deserto, fica diante de si mesmo; as palavras podem jogá-lo para fora de si mesmo, desalojá-lo de suas certezas, de seus "pertencimentos". Perde algumas plumas, mas eram plumas que alguém havia colado nele, que não tinham necessariamente relação com ele. E às vezes tem vontade de soltar as amarras e mudar de lugar. (PETIT, p.163, 2008)

Referências Bibliográficas

CAVALCANTI, Maria. “Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do carnaval carioca”. In: VELHO, G. e KUSCHNIR, K. (orgs.) Pesquisas Urbanas – desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Para entender a relação escolafamília: uma contribuição da história da educação. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, p.44-50, 14 fev. 2000.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. “O planejamento e a organização das práticas pedagógicas no cotidiano do ensino fundamental” in BOSCO, Zelma (org.) Ensaio: perspectivas e pressupostos para uma discussão curricular na Rede Municipal de Campinas. Campinas: SP: Set Gráfica Edit., 2009.

_____. Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais. Campinas, SP; São Paulo, SP: Mercado de Letras: UNICAMP/FAEP: FAPESP, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?.** Campinas: Cefiel/Unicamp, 2005.

LINS, Consuelo. Edifício Máster. Em: O documentário de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

PETIT, Michele. **Os Jovens e a Leitura: Uma Nova Perspectiva.** Tradução: Celina Olga de Souza. 1. ed. São Paulo: Editora34, 2008. 192 p. ISBN 9788573263978.

SILVA, Leila Cristina Borges da. **Práticas de usos da leitura e da escrita, situadas na esfera escolar, no âmbito do trabalho docente e da gestão educacional.** Tese (doutorado) -Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2012.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TONIN, Fabiana Bigaton. **Leitura fruição na escola: o que os alunos e professores têm a dizer?** Tese (doutorado) -Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2016.